

ELISMO E CULTURA HUMANÍSTICA NA VALORIZAÇÃO DO HOMEM

Regina Márcia Moura Tavares

(Profa. titular de Antropologia da PUCCAMP)

Dentro deste tema, gostaria de refletir um pouco sobre dois pontos, os quais, em meu entender, são substanciais para a configuração da questão proposta. São eles: a) a natureza do Homem e o humanismo neste fim de século; e b) os princípios do elismo e as possibilidades de um humanismo militante.

A – A NATUREZA DO HOMEM E O HUMANISMO NESTE FIM DE SÉCULO

O Homem é um ser inserido em três processos evolutivos, a saber, o Cósmico, o Biológico e o Cultural. Isto significa que habita um espaço interestelar, adapta-se e se perpetua no planeta Terra a partir de dois processos biológicos básicos a mutação e a reprodução tendo, entretanto, em uma propriedade singular-a Palavra e o Pensamento Conceitual, sua mais eficiente condição adaptativa, seu maior triunfo para a Sobrevivência. Através dessa característica específica, é um ser social capaz de acumular conhecimentos obtidos através de processos conscientes. Na luta pela sobrevivência as chances do Homem serão sempre maiores quanto mais ampla for a **tradição cumulativa**. No processo evolucionário da vida sobre a Terra a marca do progresso é fundamental, visto como um aumento da complexidade organizacional, o qual no Homem se consolida na maior capacidade de adquirir e organizar o conhecimento, de experimentar emoções e de se esforçar por um objetivo.

A essência do Homem, portanto, define-se na História, concebida como o Tempo. Não é dado apriorístico, mas se consubstancia na Existência. A longa caminhada lhe define o perfil humano, dilata-lhe a consciência, condição básica para um maior controle do meio ambiente e maior independência com relação a ele. O Homem é um “ser-no-mundo”, sem que isto signifique reduzi-lo a um ser meramente mundano, no sentido cristão do termo. Sua transcendência ele a conquista à medida que evolue na construção do mundo em que vive.

No mundo contemporâneo encontramos este Homem projetado na História em busca de sua Verdade, construindo múltiplas facetas de cul-

tura, de herança social, como respostas às suas necessidades básicas e de convívio social, em “habitats” diferentes. Vêmo-lo com muitos fundos de tradição separados, em competição uns com os outros ou mesmo mutuamente hostis. Sabemos que nos últimos 100 anos houve uma aceleração no ritmo da evolução motivada por uma luta de idéias e valores no plano da consciência; mudanças importantes ocorreram a cada decênio. Novas formas de organização social, avanços da ciência e da técnica evidenciam, hoje, o aumento da inteligência estimulada pelos contactos e troca de experiências. Conclui-se, pois, que a chave para o progresso humano será sempre a existência de um fundo comum de idéias, a **tradição cumulativa**, sem que isto signifique o desaparecimento das sociedades individualizadas.

Explicando melhor, poderíamos dizer que o Homem contemporâneo, herdeiro único do processo evolucionário e administrador de qualquer progresso futuro, enriquecerá sua caminhada evolutiva quanto mais souber **somar, sem mutilar**. Somar, mostrando uma certa modéstia, uma sabedoria que acabe de vez com as posições etnocêntricas, tão pobres a ponto de colocarem em jogo a própria sobrevivência da vida sobre o planeta; somar, respeitando as identidades culturais dos povos e compreendendo que o modelo ocidental de desenvolvimento não pode ser generalizado nem no tempo, nem no espaço e que os centros de poder econômico não são os únicos depositários da verdade e da universalidade; somar, percebendo que o desenvolvimento não pode ser mais extensão ao mundo inteiro do saber, do pensar, do estilo de vida ou da vivência de uma única região; somar, assumindo que as aplicações do conhecimento científico não podem orientar-se mais para o proveito e benefício exclusivo de pequenos setores da humanidade; somar, buscando conscientemente a elaboração de um projeto político que possa garantir de forma definitiva esta proposta fraterna, condição “sine qua non” para a sobrevivência das nações no aprendizado comum da existência.

Isto posto, gostaria de ressaltar que o Humanismo que mais se ajusta às características do Homem deste fim de século, e à Cultura por ele criada nas sociedades dependentes de tradição oral e de tradição escrita é bastante diferente do que caracterizou os Humanismos Romano, Renacentista, ou Cristão. Este novo humanismo não se fundamenta na metafísica, mas coloca a Essência do Homem numa perspectiva de conquista no processo de Existência. O compromisso com o respeito mútuo, com a liberdade, com a troca de experiências sem dominação é o único caminho capaz de promover o progresso humano, de fazer surgir a Verdade do Ser, de revelar a sua Essência.

B – OS PRINCÍPIOS DO ELISMO E AS POSSIBILIDADES DE UM HUMANISMO MILITANTE

Eduardo Dias Coelho, fundador do movimento elista, em seus últimos meses de vida escrevia: “O nosso mundo que deveria ser de paz,

compreensão e harmonia, já quase não existe; vivemos em convulsiva desagregação; há que se criar uma nova era de fraternidade universal". Palavras de quem teve angustia e fé, de quem ousou ter sua utopia e lançou a semente.

O Elos clube que conclama à congregação dos homens, que reconhece na comunidade de língua portuguesa a vocação, para as soluções pacíficas deve ter um compromisso inquestionável com um humanismo militante. Militante, pois que a erudição esvaizada de sentido social é tão agressiva quanto inútil. Este Humanismo, porém, precisa conter a conotação que lhe procurei imprimir, a partir de uma concepção da natureza do Homem e de sua Evolução. O mundo caminha a passos largos, as conquistas da inteligência se avolumam, assim como seus problemas, e, as antigas fórmulas não são suficientes para o equacionamento e a solução das questões inerentes à caminhada do Homo Sapiens neste ocaso de século.

Valorizar o Homem implica assumir plenamente um projeto social e político qualquer que possa garantir a todos o uso comum das conquistas da inteligência, do acervo cultural da humanidade, sem abuso de poder; implica estar alerta e preparado para lutar contra todo e qualquer tipo de discriminação que possa alienar do processo de crescimento um grupo social, uma nação.

Se a língua é a legítima expressão da cultura de um povo, o fato do idioma português estar vivo em várias partes do mundo significa que as criações da gente lusíada estão a resolver problemas adaptativos do ser humano, nestas regiões. Reconhecer este vigor cultural não deve resultar num ufanismo bloqueador da sensibilidade, capaz de provocar o esquecimento do direito inalienável de todos os povos de conquistarem as suas identidades culturais.

Finalizando, gostaria de afirmar minha convicção de que como a comunidade de tradição lusíada teve outrora o desassombro de se lançar ao Mar Tenebroso em busca de soluções para os proplemas da época, não deixará de ser, hoje, o arauto de profundas mudanças que se fazem necessárias nas relações dos Homens e das Nações para o porvir da Paz.